

Dentro de uma nota musical: exploração da materialidade sonora e construção compartilhada de significados entre sujeitos surdos e ouvintes

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIO

Educação Musical Especial e Interseccionalidade: Dimensões Humanas e Acessibilidade nas Mediações Tecnológicas

Thiago Augusto Eugênio Guedes Reis
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
guedesthiago4@gmail.com

Flávio Teixeira Maia
Casa TES | Cultura e Acessibilidade
flaviotmaia@gmail.com

Resumo. Este artigo analisa três atividades desenvolvidas em um curso de extensão voltado à exploração sonora e à improvisação livre com participantes surdos e ouvintes. O estudo investiga como atividades centradas na materialidade sonora podem favorecer processos compartilhados de construção de significados. As discussões fundamentam-se nas contribuições de Schaeffer acerca do objeto sonoro, de Merriam sobre a música como prática humana e social, de McAdams e Giordano sobre a percepção do timbre e nos princípios do Desenho Universal para Aprendizagem. As atividades utilizaram uma nota Dó (65 Hz) manipulada por meio da interação gestual com o sensor Leap Motion e os softwares GECO e Logic Pro. A primeira atividade concentrou-se na sensibilização vibrotátil e na exploração de componentes espectrais do som. A segunda investigou transformações tímbricas produzidas pela manipulação dos parâmetros *cutoff* e *resonance*. A terceira articulou criação corporal e construção coletiva de narrativas, mobilizando referências da cultura surda por meio do Visual Vernacular. Os resultados evidenciam que um mesmo material sonoro pode mobilizar diferentes interpretações e significados. Além disso, sugerem que propostas centradas na materialidade sonora podem favorecer formas compartilhadas de participação e criação entre surdos e ouvintes, valorizando diferentes formas de percepção.

Palavras-chave. Música e surdez, Criação sonora, Música e tecnologia, Timbre, Visual Vernacular

Within a Single Musical Note: Exploring Sound Materiality and the Shared Construction of Meanings Among Deaf and Hearing Participants

Abstract This article analyzes three activities developed within an extension course focused on sound exploration and free improvisation involving deaf and hearing participants. The study investigates how activities centered on sound materiality can foster shared processes of meaning-making. The discussion is grounded in Schaeffer's contributions to the concept of the sound object, Merriam's understanding of music as a



human and social practice, McAdams and Giordano's studies on timbre perception, and the principles of Universal Design for Learning. The activities were based on a C note (65 Hz) manipulated through gestural interaction using the Leap Motion sensor and the GECO and Logic Pro software. The first activity focused on vibrotactile awareness and the exploration of spectral components of sound. The second investigated timbral transformations produced through the manipulation of the cutoff and resonance parameters. The third articulated bodily creation and collaborative narrative construction, drawing on references from Deaf culture through Visual Vernacular. The results indicate that the same sonic material can mobilize different interpretations and meanings. Furthermore, they suggest that approaches centered on sound materiality may foster shared forms of participation and creation among deaf and hearing participants, valuing different ways of perceiving sound.

Keywords. Music and Deafness, Sound Creation, Music and Technology, Timbre, Visual Vernacular

Introdução

O presente artigo analisa três atividades desenvolvidas no contexto do curso de extensão *Notas Surdas*, desenvolvido pelo Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGMUS/UFMG), em parceria com a Casa TES | Cultura e Acessibilidade e o Curso de Letras-Libras da UFMG. Concebido como um espaço de experimentação artística e pedagógica, o curso reuniu participantes surdos e ouvintes em práticas coletivas mediadas pela interação corporal e pelo uso de recursos tecnológicos.

Concentra-se na análise de três atividades realizadas em dois encontros distintos, selecionadas por evidenciarem de forma significativa os processos de interpretação, atribuição de significados e participação compartilhada discutidos neste estudo.

Em pesquisa anterior, Reis (2024) investigou diferentes aspectos da participação de pessoas surdas em práticas de criação sonora e musical, abordando o desenvolvimento de recursos tecnológicos, estratégias de mediação e diferentes formas de interação com o som em contextos educativos e artísticos. Esses estudos ampliaram a compreensão das possibilidades de participação musical e do potencial de abordagens que não restringem a experiência musical à escuta auditiva.

Partindo desse contexto, o presente trabalho direciona sua atenção para uma questão complementar. Além de investigar processos compartilhados de construção de significados, interessa compreender de que maneira atividades centradas na exploração da materialidade sonora podem contribuir para a construção de práticas musicais mais inclusivas, favorecendo a participação de sujeitos surdos e ouvintes em uma mesma experiência.

Essa discussão aproxima-se das contribuições de Merriam (1964), para quem a música pode ser compreendida como uma prática humana e socialmente construída, por meio da qual diferentes sujeitos produzem e compartilham significados, e das reflexões de Schaeffer (1966), que propõem uma escuta voltada às qualidades perceptíveis do próprio som. Nessa perspectiva, a exploração da materialidade sonora pode constituir um ponto de partida para processos de experimentação, criação e atribuição de significados.

A partir da ideia apresentada aos participantes de que "dentro de uma nota musical existe um universo de possibilidades sonoras", foram desenvolvidas três atividades articuladas entre si. A primeira, buscou sensibilizar os participantes para diferentes qualidades perceptíveis das vibrações e de seus componentes espectrais. A segunda, concentrou-se na exploração de transformações tímbricas produzidas por meio da interação gestual. Já a terceira ampliou esse processo para a criação corporal e a construção coletiva de narrativas, aproximando a exploração sonora de formas de expressão presentes na cultura surda.

Nesse contexto, o presente trabalho busca responder à seguinte questão: como atividades centradas na exploração da materialidade sonora podem favorecer processos compartilhados de construção de significados entre sujeitos surdos e ouvintes?

Materialidade sonora, percepção e participação

As atividades analisadas neste estudo foram construídas a partir da compreensão de que um mesmo material sonoro pode revelar múltiplas possibilidades perceptivas e expressivas. Nessa perspectiva, o foco deslocou-se da reprodução de estruturas musicais previamente estabelecidas para a exploração das transformações produzidas no interior do próprio som, tomando sua materialidade como ponto de partida para processos de interpretação, participação e construção de significados.

A ideia de que um mesmo som pode revelar múltiplas possibilidades perceptivas encontra respaldo nas contribuições de Pierre Schaeffer. Ao desenvolver o conceito de objeto sonoro, o autor propõe um deslocamento da atenção para as qualidades perceptivas do próprio som, compreendendo-o como um objeto passível de múltiplas formas de escuta e interpretação.

Ao discutir esse conceito, Schaeffer afirma:

“Dans l'objet sonore que j'écoute, il y a toujours plus à entendre ; c'est une source jamais épuisée de potentialités.” (SCHAEFFER, 1966, p. 115).

Tradução dos autores:



“No objeto sonoro que escuto, há sempre mais a ouvir; ele é uma fonte inesgotável de potencialidades.”

Essa passagem torna-se particularmente relevante para este trabalho, uma vez que as atividades analisadas procuraram explorar diferentes formas de percepção e interpretação produzidas por um mesmo material sonoro.

McAdams e Giordano (2015) observam que transformações perceptivamente significativas podem ocorrer sem alterações na altura fundamental de um som. Além disso, argumentam que as dimensões sensoriais do timbre participam de processos de categorização, reconhecimento e identificação de eventos sonoros, contribuindo também para a criação e a liberação de tensões musicais (MCADAMS; GIORDANO, 2015, p. 1, 3, 6).

Essas contribuições sugerem que transformações tímbricas não atuam apenas como modificações das características perceptíveis de um som, mas podem influenciar processos de reconhecimento, interpretação e atribuição de significados. Tal perspectiva mostra-se particularmente relevante para este estudo, uma vez que as atividades analisadas buscaram explorar como diferentes configurações de um mesmo material sonoro podem suscitar associações, imagens e interpretações distintas entre os participantes.

McAdams e Giordano (2015) observam ainda que diferenças individuais na percepção do timbre não parecem depender diretamente de treinamento musical formal. Para os autores, a percepção tímbrica está intimamente relacionada à capacidade de reconhecer fontes sonoras presentes na experiência cotidiana, o que faz com que todos os indivíduos desenvolvam algum grau de familiaridade com esse tipo de escuta.

Se Schaeffer e McAdams contribuem para compreender as potencialidades perceptivas presentes na exploração de um mesmo material sonoro, as reflexões de Merriam permitem situar essas experiências no contexto mais amplo da música como prática humana e socialmente construída.

Ao discutir música enquanto prática cultural, Merriam afirma:

“Music is uniquely human and exists only in terms of social interaction; it is made by people for other people and is learned behavior.” (MERRIAM, 1964, p. 27).

Tradução dos autores:

“A música é um fenômeno unicamente humano que existe apenas em termos de interação social; é feita por pessoas para outras pessoas e constitui um comportamento aprendido.”





O grupo com o qual se deu as atividades a serem narradas era composto por participantes surdos e ouvintes, em sua maioria sem formação musical especializada. Nesse contexto, a exploração de vibrações, transformações espectrais e qualidades tímbricas mostrou-se adequada para a construção de experiências compartilhadas, permitindo múltiplas formas de participação e atribuição de significados. Tal perspectiva aproxima-se dos princípios do Desenho Universal para Aprendizagem (CAST, 2011), ao favorecer diferentes formas de engajamento e interpretação a partir de um mesmo conjunto de atividades.

Procedimentos metodológicos

Contexto da prática

As experiências analisadas foram desenvolvidas ao longo da primeira edição do curso, que contou inicialmente com dezenove estudantes da graduação em Letras-Libras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sendo quatro surdos e quinze ouvintes.

Ao longo do processo, ocorreu uma redução gradual da frequência e, nos encontros aqui analisados, participaram regularmente cinco estudantes e, entre eles, um participante surdo. A análise concentra-se em três atividades desenvolvidas nos encontros realizados em 20 e 27 de maio de 2026, selecionadas por evidenciarem processos de exploração sonora e construção compartilhada de significados centrais para esta discussão.

As atividades foram realizadas em um ambiente preparado para favorecer diferentes formas de interação com o som, articulando recursos auditivos, visuais e vibrotáteis. Ao longo dos encontros, os participantes foram convidados a explorar transformações sonoras, compartilhar percepções e relatar as associações produzidas durante as atividades.

Produção e análise dos dados

As informações utilizadas neste estudo foram produzidas por meio da observação das práticas, complementadas por registros audiovisuais e anotações de campo. As interações entre os participantes, os relatos produzidos durante as dinâmicas e as discussões coletivas posteriores constituem o principal corpus analisado. A análise concentrou-se nas interpretações, associações e significados atribuídos pelos sujeitos às experiências propostas, buscando compreender de que forma a exploração da materialidade sonora pode favorecer processos compartilhados de interpretação e construção de significados entre participantes surdos e ouvintes.

Foram selecionados para análise os relatos produzidos espontaneamente durante as atividades e retomados nas discussões coletivas realizadas ao final de cada encontro. A escolha dos exemplos apresentados neste artigo buscou evidenciar diferentes formas de interpretação e atribuição de significados produzidos pelos participantes a partir das experiências propostas.

Como material complementar a este artigo, os registros audiovisuais das atividades encontram-se disponíveis no canal de Youtube da Casa TES | Cultura e Acessibilidade. O primeiro vídeo reúne as Atividades 1 e 2, enquanto o segundo apresenta a Atividade 3. Os endereços eletrônicos são apresentados a seguir:

- Vídeo 1 (Atividades 1 e 2): https://www.youtube.com/watch?v=_mQZXbQIacU. Acesso em: 3 ago. 2026.
- Vídeo 2 (Atividade 3): <https://www.youtube.com/watch?v=5rLpA47Qcis>. Acesso em: 3 ago. 2026.

Recursos tecnológicos utilizados

Os encontros foram realizados no Laboratório de Criação e Performance em Música Interativa (LaPIS), da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ambiente preparado para a realização de práticas artísticas mediadas por tecnologias digitais (<https://musica.ufmg.br/lapis/>). O laboratório dispunha de recursos que possibilitaram o contato multimodal com os fenômenos sonoros, articulando aspectos auditivos, visuais e vibrotáteis. Entre os equipamentos utilizados destacava-se uma caixa acústica amplificada equipada com alto-falante de 15 polegadas, utilizada para reforço de frequências graves e ampliação da percepção vibrotátil dos sons explorados durante as dinâmicas.

A geração e o processamento dos sons foram realizados no software Logic Pro. Para possibilitar a interação gestual, utilizou-se o sensor Leap Motion, responsável pela captura dos movimentos das mãos. Esses dados eram enviados ao programa GECO, que convertia os gestos em mensagens de controle capazes de modificar diferentes parâmetros sonoros em tempo real. Todas as sessões contaram com intérprete de LIBRAS e foram conduzidas em contexto bilíngue.

Figura 1 – Interface do Logic Pro utilizada na geração e processamento dos sons explorados nas atividades.



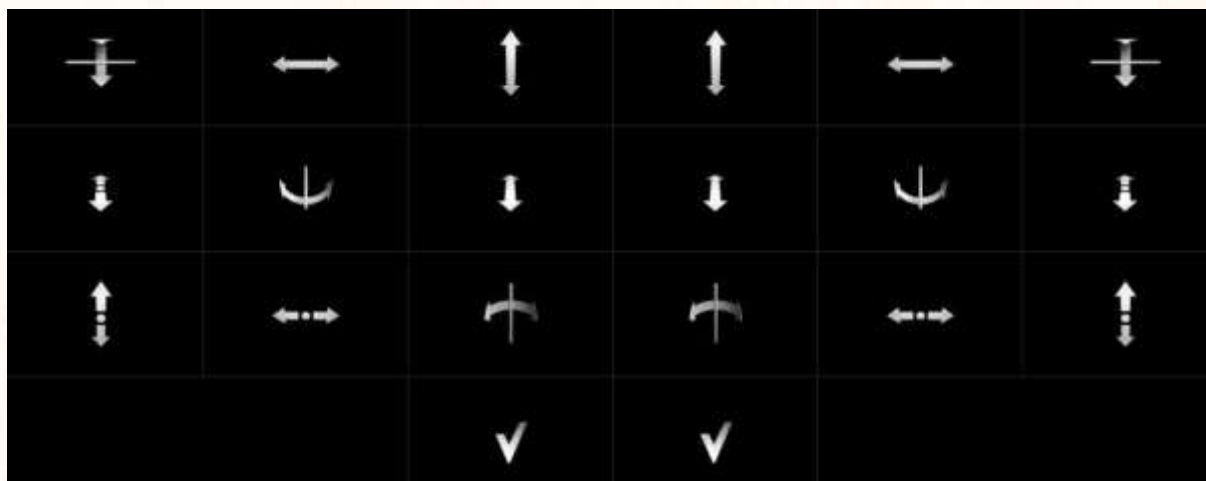
Fonte: Acervo dos autores - 2026

Figura 2 – Sensor Leap Motion utilizado para captura dos movimentos das mãos dos participantes.



Fonte: Candemir (s.d.). Disponível em: <https://medium.com/@candemir/taking-things-apart-vol-1-leap-motion-36adaa137a0a>. Acesso em: 21 jun. 2026.

Figura 3 – Interface do software GECO utilizada para mapeamento gestual e controle dos parâmetros sonoros.



Fonte: UWYN (s.d.). Disponível em: <https://uwyn.com/geco/docs/>. Acesso em: 21 jun. 2026.

Atividades desenvolvidas

Sensibilização sonora e exploração vibrotátil

A primeira atividade foi realizada durante o encontro de 20 de maio de 2026 e teve como objetivo promover uma sensibilização inicial em relação ao som e às diferentes formas pelas quais ele pode ser percebido.

Mais do que identificar ou nomear notas musicais, a proposta buscou direcionar a atenção para as diferentes qualidades perceptíveis presentes em uma mesma experiência sonora.

Como ponto de partida, foi apresentada a seguinte provocação: "Dentro de uma nota musical existe um universo de possibilidades sonoras". A frase procurou estimular a observação de aspectos que frequentemente permanecem em segundo plano em abordagens centradas na reprodução de melodias e harmonias, direcionando a atenção para características que constituem a própria matéria sonora.

Para isso, foi reproduzida continuamente uma nota Dó com frequência fundamental de 65 Hz através da caixa de som subgrave utilizada nas atividades. Para a geração desse material foi utilizado um instrumento virtual baseado nos sintetizadores analógicos Moog, disponível no Logic Pro. A escolha desse recurso possibilitou a manipulação em tempo real de parâmetros como *cutoff* e *resonance*¹, posteriormente explorados na segunda atividade. Esses controles

¹ Em filtros digitais, o parâmetro cutoff define a região de frequência a partir da qual o filtro passa a modificar progressivamente o conteúdo espectral do sinal. O parâmetro resonance corresponde ao reforço de frequências próximas a essa região de transição, tornando determinadas características espectrais mais evidentes na percepção do som (FARNELL, 2010, p. 215).

permitiam modificar diferentes características espectrais do sinal sonoro sem alterar sua frequência fundamental, favorecendo a investigação das transformações tímbricas produzidas sobre uma mesma nota musical.

A intensidade da reprodução foi ajustada de forma a tornar perceptíveis não apenas os aspectos auditivos, mas também as características vibrotáteis. Os participantes puderam explorar diferentes formas de contato com o fenômeno sonoro, aproximando-se da caixa acústica, tocando sua estrutura e percebendo as oscilações transmitidas para paredes, pisos e demais superfícies do ambiente.

Paralelamente a essa introdução, foi utilizado um analisador de espectro em tempo real para visualizar a frequência fundamental reproduzida, seus parciais harmônicos e sua distribuição ao longo do espectro sonoro. A visualização serviu como apoio para uma discussão sobre a constituição espectral do som e suas possibilidades de exploração durante as atividades propostas.

De forma complementar, foram discutidas diferenças de sensibilidade entre os sistemas auditivo e tátil, tomando como referência os fundamentos biológicos da percepção sonora por pessoas surdas apresentados por Reis (2024). Essas discussões abordaram aspectos relacionados à plasticidade compensatória, à percepção vibrotátil e às diferentes faixas de sensibilidade associadas à audição e ao tato, oferecendo subsídios para a compreensão das atividades propostas. Mais do que aprofundar tais conceitos, o objetivo dessa contextualização foi sensibilizar os participantes para o som enquanto matéria-prima passível de ser percebida e explorada por diferentes canais sensoriais.

Ao longo da experiência, os participantes foram convidados a descrever livremente as sensações e associações produzidas durante a atividade. A proposta explorou a ideia de que uma mesma nota musical pode revelar múltiplas possibilidades sonoras quando a atenção é direcionada para sua materialidade e para as diferentes formas pelas quais pode ser percebida. Alguns dos relatos produzidos nessa etapa serão retomados na Seção 4.

Exploração tímbrica mediada por interação gestual

A segunda atividade foi desenvolvida a partir da mesma nota Dó utilizada na atividade anterior. Após a sensibilização inicial, os participantes foram convidados a explorar transformações produzidas no interior do próprio som por meio da interação gestual.



Para isso, foi utilizado o sistema composto pelo sensor Leap Motion e pelos softwares GECO e Logic Pro. Os movimentos realizados pelos participantes eram capturados pelo sensor e convertidos em dados de controle capazes de modificar parâmetros do processamento sonoro em tempo real.

Assim como na atividade anterior, os sons eram reproduzidos por meio da caixa acústica utilizada para reforço das frequências graves e, dessa forma, as transformações produzidas pelos gestos podiam ser percebidas não apenas pela audição, mas também por meio das vibrações geradas no ambiente, permitindo que os participantes acompanhassem as mudanças sonoras através de diferentes formas de percepção.

Durante a atividade, dois parâmetros foram disponibilizados para exploração: o *cutoff* e *resonance*. Ambos permitiam modificar diferentes características de uma mesma nota musical sem alterar sua frequência fundamental, produzindo sonoridades mais brilhantes ou mais opacas, bem como diferentes formas de destaque de determinadas regiões do espectro sonoro. A manipulação desses parâmetros possibilitava a obtenção de sonoridades bastante distintas a partir de um mesmo material.

Os gestos foram organizados de modo a permitir uma relação direta entre movimento corporal e transformação sonora. Quando o participante mantinha a mão fechada, os movimentos verticais controlavam o parâmetro *cutoff*. Quando a mão era aberta, os mesmos movimentos passavam a controlar o *resonance*. Dessa forma, os participantes podiam explorar cada parâmetro individualmente ou combinar ambos em uma mesma interação. Em diversas situações observou-se a realização de movimentos contínuos nos quais o participante iniciava a interação com a mão fechada, modificando o *cutoff*, e posteriormente abria a mão durante o percurso, passando a atuar também sobre o *resonance*.

Conforme discutido anteriormente, alterações na configuração espectral de um som podem produzir mudanças perceptivamente significativas sem modificar sua altura fundamental.

Ao explorar essas transformações, os participantes foram convidados a descrever livremente as sensações, imagens e associações produzidas durante a atividade. Diferentemente da atividade anterior, o foco passou a concentrar-se nas transformações perceptivas produzidas pela manipulação de parâmetros tímbricos de uma mesma nota musical. A proposta buscava investigar como diferentes configurações de um mesmo material sonoro poderiam suscitar interpretações distintas entre os participantes, mesmo sem alterações em sua frequência





fundamental. As interpretações produzidas durante essa exploração constituem parte do material analisado na seção seguinte.

Narrativas corporais e construção coletiva de significados

A terceira atividade foi realizada no encontro do dia 27 de maio de 2026 e teve como objetivo investigar como transformações sonoras poderiam mobilizar processos coletivos de criação corporal e construção compartilhada de significados.

Assim como nas atividades anteriores, foi utilizada uma nota Dó (65 Hz) reproduzida continuamente e manipulada em tempo real por meio do sistema composto pelo sensor Leap Motion e pelos softwares GECO e Logic Pro. Ao contrário da proposta anterior, o foco da atividade não estava na descrição verbal das sensações produzidas pelo som, mas na construção de respostas corporais e performáticas inspiradas pelas transformações sonoras percebidas pelos participantes. Durante a dinâmica, um dos integrantes do grupo permanecia responsável pela manipulação do sistema, realizando em tempo real as transformações sonoras que serviam de estímulo para as ações desenvolvidas pelos demais participantes. A prática foi organizada em formato circular. Uma pessoa iniciava a ação realizando um movimento inspirado pela percepção do som e, em seguida, transferia simbolicamente a vez para o participante ao lado, que dava continuidade à construção performática. Esse procedimento repetiu-se sucessivamente até que todos os integrantes do grupo participassem da composição coletiva. A dinâmica permitiu observar como diferentes interpretações podiam surgir de um mesmo material sonoro, produzindo uma narrativa construída colaborativamente a partir da contribuição individual de cada participante.

Em um segundo momento, a restrição da configuração de mão foi retirada e os participantes passaram a explorar livremente movimentos corporais sugeridos pelas transformações tímbricas produzidas na nota musical. Entre as respostas observadas destacaram-se movimentos de expansão e recolhimento, aproximação e afastamento, crescimento e contração.

Durante essa etapa, a atividade aproximou-se de princípios presentes no Visual Vernacular (VV), linguagem artística amplamente compreendida como uma forma de expressão artística da literatura surda que articula elementos performáticos, corporais, visuais e espaciais. Segundo Ramos e Abrahão (2018), o Visual Vernacular transcende formas literárias tradicionais ao construir narrativas por meio de recursos dramáticos e cinematográficos,



utilizando movimentos corporais, sinais, classificadores e expressões faciais na composição de imagens tridimensionais e dinâmicas. Nessa perspectiva, o corpo deixa de ser apenas suporte da linguagem e passa a constituir o próprio espaço de criação estética e narrativa.

Nesse contexto, os participantes passaram a explorar não apenas movimentos isolados, mas também relações espaciais, ritmos corporais e construções imagéticas capazes de produzir sentidos compartilhados por meio da performance.

Resultados e discussão

Diferentes narrativas a partir de uma experiência sonora compartilhada

A primeira atividade teve como ponto de partida a reprodução contínua de uma nota Dó, com frequência fundamental aproximada de 65 Hz, associada à exploração vibrotátil e à visualização de seus componentes espectrais. Essa visualização permitiu evidenciar que, para além da frequência fundamental identificada musicalmente como Dó, este som é constituído por outros componentes que contribuem para sua estrutura e percepção. A atividade teve como intuito a sensibilização dos participantes em relação ao som enquanto matéria-prima para a criação artística. Após a experiência, os participantes foram convidados a descrever livremente as sensações e associações produzidas pelo contato com o material sonoro.

Um aluno surdo relacionou a experiência à vibração produzida pelos motores de um avião durante sua aproximação. O mesmo participante também comparou a sensação produzida pela caixa de subgraves à experiência de estar em uma sala de cinema, destacando a percepção das vibrações propagadas pelo ambiente. Duas alunas ouvintes, por sua vez, associaram a vibração percebida à sensação produzida por um viaduto quando veículos passam sobre sua estrutura.

Os relatos sugerem que a experiência mobilizou referências construídas ao longo das trajetórias pessoais, sensoriais e culturais dos participantes. Embora todos tenham compartilhado o mesmo material sonoro, as interpretações produzidas remeteram a situações distintas do cotidiano, evidenciando como processos de atribuição de significados podem assumir diferentes configurações diante de uma mesma experiência.

Essa diversidade de interpretações aproxima-se das observações de McAdams e Giordano (2015), segundo as quais diferentes sujeitos podem direcionar sua atenção a aspectos distintos de um mesmo som, produzindo interpretações variadas a partir de uma mesma experiência perceptiva. Ao mesmo tempo, dialoga com as reflexões de Schaeffer (1966) sobre

as múltiplas potencialidades do objeto sonoro, evidenciando como um mesmo material pode suscitar diferentes imagens, memórias e significados.

Timbre, percepção e construção de narrativas

Enquanto a atividade anterior concentrou-se na exploração de uma experiência sonora relativamente estável, a segunda introduziu transformações tímbricas produzidas em tempo real por meio da interação gestual.

O participante surdo descreveu determinadas configurações como mais calmas e identificou outras como semelhantes às vibrações presentes em músicas de rock. Entre as participantes ouvintes, valores mais elevados de *resonance* evocaram imagens de espinhos e sensações associadas ao medo.

Todas essas descrições foram produzidas a partir de uma mesma nota musical. As diferenças identificadas não decorreram de alterações melódicas ou harmônicas, mas de transformações em suas características tímbricas e espectrais. Esse aspecto reforça a discussão apresentada por McAdams e Giordano (2015), segundo a qual transformações perceptivamente significativas podem ocorrer sem alterações na altura fundamental.

Esses resultados reforçam a ideia de que transformações tímbricas podem atuar não apenas sobre características perceptíveis do som, mas também sobre os processos de interpretação e atribuição de significados produzidos pelos participantes.

Participação compartilhada e implicações para práticas inclusivas

A terceira atividade evidenciou como transformações sonoras podem atuar como disparadoras de processos coletivos de criação e construção de significados. Em vez de produzir respostas convergentes, a experiência permitiu que diferentes interpretações fossem incorporadas à construção da narrativa coletiva, valorizando a contribuição individual de cada participante.

A aproximação com elementos presentes na cultura surda, especialmente por meio de referências associadas ao Visual Vernacular, ampliou as possibilidades de expressão desenvolvidas durante a atividade. As transformações sonoras passaram a ser reinterpretadas por meio de movimentos corporais, relações espaciais e construções imagéticas compartilhadas, permitindo que diferentes formas de percepção e experiência coexistissem em uma mesma proposta.

Os resultados observados sugerem que práticas centradas na exploração sonora podem favorecer formas de participação nas quais sujeitos surdos e ouvintes contribuem para a construção coletiva de significados sem depender de formas únicas de percepção ou expressão. Nesse contexto, a atividade deslocou o foco da reprodução de estruturas musicais para processos de experimentação, interpretação e criação compartilhada, aproximando-se da compreensão da música como prática social e espaço de produção coletiva de significados discutida por Merriam (1964).

A aproximação com o Visual Vernacular mostrou-se particularmente relevante por possibilitar que as interpretações produzidas a partir do som fossem reorganizadas em construções narrativas corporais compartilhadas.

Considerações finais

As atividades analisadas neste trabalho sugerem que a exploração da materialidade sonora, combinada a elementos da cultura surda, pode favorecer processos compartilhados de criação e construção de significados entre sujeitos surdos e ouvintes. Ao tomar o som como matéria-prima para a experimentação, as propostas desenvolvidas possibilitaram que diferentes formas de percepção, interpretação e participação coexistissem em uma mesma experiência.

Os resultados evidenciaram que um mesmo material sonoro pode mobilizar diferentes interpretações e narrativas, mesmo em contextos formados majoritariamente por participantes sem formação musical especializada. Esse aspecto sugere que propostas dessa natureza podem ampliar as possibilidades de engajamento em práticas de criação musical.

Por fim, o estudo sugere que a articulação entre mediação tecnológica, exploração sonora e referências provenientes da cultura surda pode contribuir para o desenvolvimento de práticas musicais capazes de ampliar as possibilidades de participação, deslocando o foco da reprodução de estruturas musicais para processos de experimentação, interpretação e criação coletiva.

Nesse sentido, os resultados sugerem que a materialidade sonora pode constituir um território comum de experimentação, no qual sujeitos surdos e ouvintes constroem diferentes formas de participação, interpretação e significação a partir de uma mesma experiência sonora.

Referências



CAST. Universal Design for Learning Guidelines version 2.0. Wakefield, MA: CAST, 2011. Disponível em: <https://udlguidelines.cast.org>. Acesso em: 03 ago. 2026.

FARNELL, Andy. Designing sound. Cambridge: MIT Press, 2010.

REIS, T. A. E. G. Instrumentos musicais digitais e dispositivos para ampliação da prática musical de pessoas surdas: desenvolvimento de protótipos para criação e performance. 2024. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/c08a41f5-32ef-44e7-84d2-ce1689c75bb6>. Acesso em: 3 ago. 2026.

MCADAMS, Stephen; GIORDANO, Bruno. The perception of musical timbre. In: HALLAM, Susan; CROSS, Ian; THAUT, Michael (org.). The Oxford handbook of music psychology. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 72-80. Disponível em: https://www.mcgill.ca/mpcl/files/mpcl/mcadams_2015_oxfordhdbkmuspsychol.pdf. Acesso em: 3 ago. 2026.

MERRIAM, Alan P. The anthropology of music. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

RAMOS, Danielle Cristina Mendes Pereira; ABRAHÃO, Bruno. Literatura surda e contemporaneidade: contribuições para o estudo da Visual Vernacular. Pensares em Revista, São Gonçalo, n. 12, p. 56-75, 2018. DOI: 10.12957/pr.2018.34059.

SCHAEFFER, Pierre. Traité des objets musicaux. Paris: Éditions du Seuil, 1966.

